

A elisão da vogal média /e/ no sul do Brasil

Cláudia Regina Brescancini
PUCRS/ProDoc - Capes

Cláudia Soares Barbosa
PUCRS - mestre



Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo examinar o processo sincrônico de elisão da vogal /e/ em fronteira de palavra, sob a perspectiva da Teoria da Variação Lingüística (Labov 1972, 1994). A amostra considerada reúne dados do português falado nas três capitais do sul do Brasil - Porto Alegre, Curitiba e Florianópolis (banco de dados Varsul). Condicionamentos fonotáticos e prosódicos apresentaram-se como relevantes ao processo. Destacam-se as seqüências envolvendo clíticos na primeira posição e o contexto vocálico seguinte [e]. O acento primário da vogal que inicia uma palavra funcional ou uma palavra lexical em segunda posição não constitui contexto bloqueador. Os resultados para a variável social Região apontaram para a relação entre o processo de elisão e o processo de palatalização da oclusiva alveolar.

Palavras-chave: Sociolingüística variacionista. Sândi externo. Elisão.

Abstract: This research aims at studying the synchronic process of vowel /e/ elision in word border under the perspective of Linguistic Variation Theory (Labov 1972, 1994). The corpus considered embraces spoken language data from three capitals of Southern Brazil - Porto Alegre-RS, Florianópolis-SC and Curitiba-PR (Varsul Data Bank). Prosodic and phonotactic conditionings are relevant to the process under examination. Sequences involving clitics in the first position and the following vocalic context [e] are relevant to the process under examination. The primary stress of the vowel that begins a functional word or a lexical word in the second position is not a blocker. The results for the social variable Region pointed to the relation between the process of elision and the process of palatalization involving alveolar stops.

Key words: Variationist sociolinguistics, Exthernal sandhi. Elision.

1 Introdução

É fato historicamente documentado na língua portuguesa que palavras sofrem modificações fonéticas por influência de outras com que estão em contato ou formam unidade fonética na frase. De particular interesse é a supressão de vogais átonas em seqüência de vogais, por sinalefa ou elisão conhecida, responsável pela origem de formas como *planalto* < plano alto, *outrora* < outra hora (Coutinho, 1958, p. 141).

No registro escrito dos cancioneiros, tal processo é freqüentemente identificado por meio do estabelecimento de um pequeno espaço entre o final da palavra que sofreu elisão e o começo da seguinte ou com um ponto colocado sob a vogal que deve ser eliminada. Nas transcrições modernas das poesias trovadorescas, o apóstrofo é muitas vezes utilizado para indicarem-se as omissões, como em *am'eu* (amo eu) e *d'amor* (de amor)¹ (Sousa da Silveira, 1971, p. 4).

Massini-Cagliari (2001), a partir da análise de um corpus de cinquenta Cantigas de Amigo do Cancioneiro de Biblioteca Nacional de Lisboa, conclui que o processo de elisão aplicava-se no português arcaico de forma automática e sem exceções. Os casos encontrados em que há contexto para a ocorrência da elisão, mas esta não foi registrada na escrita, referem-se a versos irregulares quanto à métrica, se comparados aos demais versos da cantiga a que pertencem. Invariavelmente possuem uma sílaba poética a mais do que deveriam.

Quanto à qualidade da vogal candidata à elisão, em uma amostra de 336 ocorrências, a autora registra no estudo 226 casos de supressão de /e/ e 134 casos de /o/. Os 6 casos restantes, referentes à vogal /a/, não são propriamente casos de elisão, mas de crase, uma vez que a vogal da palavra seguinte também se inicia por /a/, como em *amigassi venha* (amig'assi = amiga + assi).

Restrições de natureza rítmica e de natureza fonotática são apontadas pela autora como condicionadoras da ocorrência de elisão no corpus analisado. Quanto ao primeiro tipo, observa que a tonicidade da primeira vogal envolvida apresenta-se como bloqueadora ao processo, mas não a da segunda. Desse modo, são exemplos *Sã saluador sabe q assy e*, *Poffend auerdade saber* e *Amiga estadora calada* (Massini-Cagliari, 2001, p.3).

Os monossílabos *me*, *de*, *lhe* e *se* (pronome) apresentaram-se na amostra como possíveis candidatos à elisão quando seguidos por palavra iniciada por vogal, fato não observado para *e*, *que*, *ca* e *se*. Segundo Cunha (1961, p. 43), tal comportamento é explicado por ser o último grupo "semiforte" na época, como se observa em *O que apastor dizia*, *Po fe eu por ueñta*, *Ca el nõ mi tolhe acoita* (Massini-Cagliari, 2001, p. 3).

Quanto à restrição de natureza fonotática, aponta Massini-Cagliari (2001, p.4) que o onset preenchido revelou-se como condição necessária para o apagamento da vogal da primeira palavra. A ausência de elisão em casos como *e el morto será seme nõ vyr* e *e o iur eu be talhada se* faz necessária à manutenção da sílaba original e conseqüente interpretação adequada do enunciado.

Na língua portuguesa moderna, são amplamente reconhecidos os efeitos do processo de elisão em palavras que combinam a preposição *de* com o artigo definido (*do*, *da*, *dos*, *das*) ou da preposição *de* e o pronome demonstrativo (*disso*, *disto*, *daquele*, *daquela*, *daquilo*), bem como em construções como *copo d'água*, *pau d'arco*, *viv'alma*, *minh'alma* etc.

De acordo com Sousa da Silveira (1971, p. 7), a influência da escrita é responsável hoje em dia pela pouca produção de uma elisão antes freqüente na literatura, que se faz com a preposição *desde* seguida por artigo definido (*desdo*, *desda*). Exemplos são encontrados nos *Lusíadas* de Camões (X, 129, 8) (*Desdo Trópico ardente ao Cinto frio*) e em *Primaveras*, de Casimiro de Abreu (1933) (*Desd'o Amazonas ao Prata, Do Rio Grande ao Pará!*).

A observação sincrônica da língua falada, conforme Bisol (1996, 2000, 2002, 2003) para o português brasileiro, indica que o hiato na fronteira entre duas palavras tende variavelmente a ser substituído não só pelo resultado do processo de elisão, mas também pelo resultado do processo de degeminação e de ditongação. O primeiro é entendido como a perda de uma sílaba em seqüência de vogais idênticas, como em *casa azul*: ca[za]zul e *verde escuro*: ver[di]scuro. O segundo envolve a presença de uma vogal alta, independentemente de estar ela na sílaba final de palavra ou na sílaba inicial da palavra seguinte, como em *está interessante*: es[taj]nteressante e *verde amarelo*: ver[dja]marelo.

O processo de elisão descrito (cf. Bisol 1996, 2000, 2002, 2003) refere-se ao apagamento especificamente da vogal átona final /a/ diante de vocábulo iniciado por vogal de qualidade fonética distinta (ex.: *lata enorme*: la[tɨ]norme; *era usado*: e[rɨ]sado), o que se justifica por ser este o contexto de maior ocorrência do processo. Embora outros estudos tenham reconhecido a elisão de vogais átonas

¹ NUNES, Joaquim José. *Florilégio da Literatura Portuguesa Arcaica*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1932.

médias (/o/ e /e/) no português brasileiro, como Liberato (1978) (*pano e barbante*: pa[ni] barbante; *carro elétrico*: ca[ɣɛ]létrico) e Albano (2001) (*muito emprego*: mui[te]mprego), não se conhecem descrições quantitativas, na linha laboviana, sobre tal variável.²

A hipótese de que a qualidade da vogal exerce papel significativo em processos de elisão recebe suporte não só da análise de dados provenientes do português arcaico, conforme o demonstrado por Massini-Cagliari (2001), mas também da análise do português europeu, dialeto açoriano, conforme descrito por Silva (1997). Nesse estudo, em que se observa o processo de supressão vocálica tanto entre palavras quanto no interior da palavra, caso este em que não há o envolvimento de uma seqüência de vogais, nota o autor que os resultados quantitativos obtidos a partir da análise da fala de uma informante do sexo feminino de 42 anos, residente na Ilha do Faial, indicam que a vogal alta [u] (tempo: tem[p]; mulher: [m]lher) e a vogal central [ə] (ele teve: ele te[v]) são as mais propícias à supressão. Apresentam baixa probabilidade as vogais [i], [ɐ] e as nasais.

O quadro delineado até aqui parece indicar que uma melhor compreensão do processo de elisão verificado entre palavras no português brasileiro deve envolver necessariamente a descrição e análise de seqüências em que a vogal candidata à supressão for [-baixa], ou seja, /o/ ou /e/, realizadas foneticamente como [o], [u], [e] e [i].

Desse modo, este trabalho pretende descrever e analisar, à luz da Teoria da Variação Lingüística, modelo laboviano, o papel que dimensões lingüísticas e sociais desempenham no condicionamento da elisão especificamente da vogal média /e/, considerando-se a situação de variação verificada no português falado nas três capitais da região sul do Brasil – Florianópolis-SC, Curitiba-PR e Porto Alegre-RS. Os dados correspondentes a tais regiões são parte do banco de dados Varsul (Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil). O tratamento estatístico oferecido é o efetuado pelos programas do pacote computacional VARBRUL 2 S.

² O estudo de Liberato concentra-se no ordenamento entre as regras de elisão, ditongação e palatalização das oclusivas alveolares /t,d/ diante de /i/ ou /j/, seguindo a linha proposta no modelo gerativo SPE (Chomsky e Halle, 1968). Albano apresenta análise acústica de produções envolvendo elisão e observa a presença ou não no sinal acústico de algum rastro da vogal não audível em velocidade de fala rápida, normal e lenta.

A amostra total considerada dispõe de 72 informantes, totalizando 7.037 ocorrências de /e/ em final de palavra diante de palavra iniciada por vogal de qualidade diferente. Desse modo, são ocorrências:

Não, é que daí a gente ficava em frente ao colégio às vezes. [C 01, 0135]³

Agora teve a crise do álcool. [F 02 0323]

Então a gente acostuma com esse ônibus, né. [C 12, 0091]

Mas eu estava sempre arrumando alguma coisa para fazer. [F 03, 0593]

Além da elisão da vogal /e/ (ex.: Agora tev[a] crise do álcool), são realizações possíveis a ditongação (ex.: Mas eu estava sem[prja]rrumando alguma coisa para fazer) e o hiato (ex.: A universida[di] [e]ra um campo do Estado).

Neste trabalho, comentaremos os resultados obtidos para as variáveis lingüísticas Seqüência de Palavras, Acento da Vogal 1 e Qualidade da Vogal Seguinte e para a variável social Região.⁴ Os fatores que as compõem bem como as hipóteses norteadoras serão apresentadas ao longo da análise, desenvolvida na seção 3. A seção 2 a seguir apresenta o tema elisão tanto na teoria fonológica moderna quanto no modelo laboviano.

2 Elisão: Teoria Fonológica e Variação

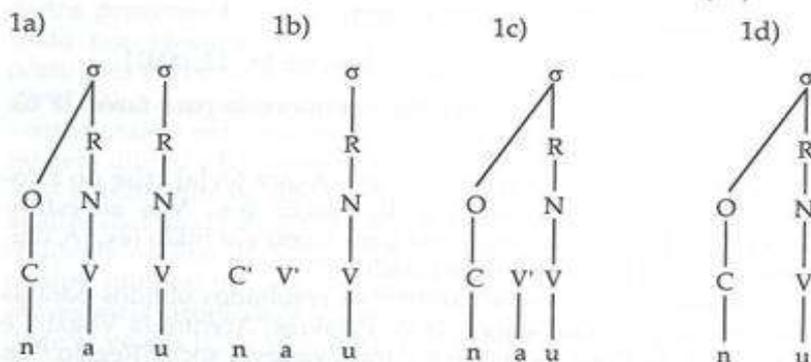
A descrição e a análise do processo de sândi vocálico externo efetuadas por Bisol (1996, 2000, 2002) apontam a rejeição à seqüência imediata de dois núcleos silábicos de palavras diferentes como o fator desencadeador da elisão, degeminação e ditongação.

Tomando-se a elisão como possibilidade de realização da seqüência *menina humilde*, nota a autora que o choque de rimas, verificado em (1a) dessilabifica a primeira sílaba e deixa C'e V' flutuantes com os seus segmentos pendentes (1b). A ressilabificação ati-

³ Para cada ocorrência, são indicados, respectivamente: a) região [F = Florianópolis; C = Curitiba; P = Porto Alegre]; b) número da fita cassete que contém a entrevista gravada [de 01 a 24] e c) número da linha [sempre quatro dígitos] referente à ocorrência na transcrição da entrevista.

⁴ Barbosa (2005) examinou em seu estudo as seguintes variáveis independentes: Consoante Anterior à Vogal Elidida, Qualidade da Vogal Seguinte, Acento da Primeira Vogal da Seqüência, Acento da Segunda Vogal da Seqüência, Léxico, Número de Sílabas, Tipo de Clítico na Primeira Posição, Tipo de Clítico na Segunda Posição, Constituintes Prosódicos, Região, Faixa Etária, Sexo e Escolaridade.

vada pelo *Princípio do Licenciamento Prosódico* (Itô, 1986), segundo o qual toda unidade lingüística deve ser associada a uma unidade prosódica hierarquicamente superior, faz da consoante perdida o ataque da sílaba remanescente, criando uma sílaba CV (1c) (cf. Bisol, 1996). A vogal V' é esquecida e conseqüentemente se apaga por convenção. Tem-se, pois, a elisão como resultado em (1d).



À luz do modelo variacionista, o processo de elisão envolvendo a vogal /a/ é analisado por Bisol (2002) a partir da fala de 12 indivíduos representativos da cidade de Porto Alegre-RS. Com relação às dimensões lingüísticas, os resultados, submetidos ao tratamento estatístico oferecido pelos programas do pacote Varbrul 2S, apontam que a qualidade da vogal seguinte à vogal átona [a] mostra-se relevante ao condicionamento do processo. Os dados indicam que a elisão é mais produtiva quando a segunda vogal (doravante V2) é posterior, como em *camisa usada* (cami[zu]sada), o que se justifica pelo compartilhamento de traços entre as vogais em contato.

Com relação ao papel do acento de V2, os resultados corroboram o esperado, ou seja, o melhor contexto é o das vogais átonas (Bisol, 2002, p. 239). No entanto, a neutralidade do comportamento do acento primário em seqüências como *ela mastigava ervas amargas* (mastiga[ver]vas) ou como *eles me deram de volta uma série de duplicata* (vol[tu]ma) e *a aula é gravada* (au[le]), parece indicar que o deslocamento do acento principal abre a possibilidade de supressão, seja o acento da segunda vogal pertencente a uma palavra lexical ou a uma palavra funcional. Em tais casos, nota-se que o contexto menos propício, o acento principal (como em *ela mastigava ervas*), é desfeito.

É justamente tal relação entre o bloqueio à elisão e o acento principal da segunda vogal que sustenta a relevância, apontada pela análise variacionista, da frase fonológica para o processo quando comparada ao grupo clítico (Bisol, 2002, p. 243), embora exemplos de elisão sejam abundantes tanto em um domínio quanto no outro. Desse modo, como afirma Bisol (2003, p. 182-3),

[...] The phonological phrase is a relevant domain for the functioning of the external sandhi rules, because these processes, although they may apply to any VV sequence that is divided over two words, are blocked whenever the second vowel carries a stress that is the strongest in its phonological phrase.

A restrição ao apagamento de monomorfemas que não deixam vestígios, referida na análise do português arcaico por Massini-Cagliari (2001) como uma restrição fonotática (cf. 1), mostrou-se também relevante em Bisol (2002, p. 245). Em itens como *falei a Orlando*, a elisão nunca ocorre, mas é liberada em itens como *recado pra Elisa* ([pre]lisa), já que dois segmentos (/p/ e /r/) permanecem como vestígios de *pra*.

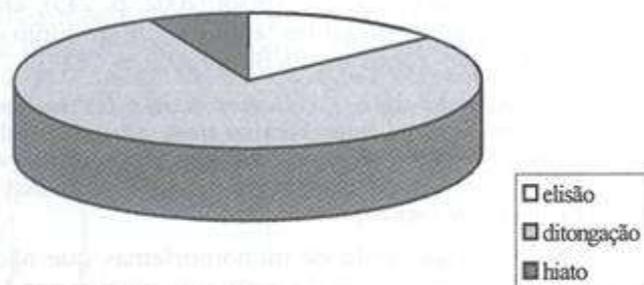
Quanto às dimensões sociais analisadas na amostra, apenas a escolaridade do informante mostra-se relevante à elisão da vogal /a/. No entanto, os valores obtidos em peso relativo, indicativos de comportamento neutro, são interpretados como indícios de que o processo se caracteriza como fato fonológico sem marcas sociais, o que, segundo a autora, equivale a dizer que a supressão do /a/ constitui um processo natural do sistema do português (Bisol, 2002, p. 249).

A seção seguinte apresenta e discute as variáveis independentes lingüísticas selecionadas como estatisticamente relevantes pela análise progressiva step-up do programa Varb2000 (Varbrul 2 S), considerando-se o processo de elisão da vogal média /e/ nas três capitais do sul do Brasil. A apresentação privilegia a análise desenvolvida e não a ordem de seleção efetuada pelo programa.

3 Resultados e Análise

O processo de elisão da vogal /e/ apresenta aplicação de 14% na amostra em questão, conforme indica o Gráfico 1. As variantes que constituem o valor de não-aplicação na análise binária, ditongação e hiato, apresentam-se com 78% e 7%, respectivamente.

Gráfico 1
Frequência Global: Sândi Externo



Passemos aos condicionamentos lingüísticos referentes à elisão da vogal /e/.

3.1 Tipo de Seqüência

Esta variável combina duas informações contextuais: o caráter funcional ou lexical das palavras que constituem a seqüência de interesse para a pesquisa e a presença ou não, nas palavras classificadas como funcionais, de acento primário.⁵ São, portanto, fatores da variável:

- (1a) clítico + clítico
Eu acho que ele está precisando de um neném lá, né? [F 20, 1229]
- (1b) clítico + palavra funcional com acento
Que ela Dona Rosa pode ir embora, que ela não está aqui, não. [F 08, 0828]
- (1c) clítico + palavra lexical
Você fica de antena ligada, né? [C 01, 1161]
- (1d) palavra funcional com acento + clítico
Bom, eu trabalho desde os treze anos, né? [C 05, 1145]
- (1e) palavra funcional com acento + palavra funcional com acento
Vai indo, vai indo, porque ela vem e faz um carinho. [F 16, 1260]

- (1f) palavra funcional com acento + palavra lexical
Aí então de acordo com a listagem eles vão chamando o pessoal pra dar esse atendimento. [C 13, 0086]
- (1g) palavra lexical + clítico
Ela é tradicional. Não teve um período, tá? [F 05, 0485]
- (1h) palavra lexical + palavra funcional com acento
É, olhe aqui, olhe. [C 14, 1201]
- (1i) palavra lexical + palavra lexical
Então a gente orientava, né? [P 03, 0654]

O exame detalhado da amostra indica que a maior parte das ocorrências que contém a vogal /e/ candidata à elisão, a saber 61%, envolve palavras funcionais sem acento, os clíticos, em itens como *que, de, se, te e me*. Palavras funcionais com acento, como *aquele, esse, sete, doze*, envolvem 25% das ocorrências nessa posição e palavras lexicais, como *tanque, pente, move* (3ª. pessoa singular), a menor porcentagem, 14%.

Com relação à segunda posição da seqüência, isto é, aquela ocupada por palavra iniciada por vogal de qualidade fonética diferente de /e/, tem-se uma situação praticamente oposta. As palavras lexicais aparecem em 50% das ocorrências. O segundo maior grupo, 30% da amostra, refere-se aos clíticos *o, os, a, as, um, uns, uma e ao*. Com 20% apresentam-se as palavras funcionais com acento, que envolvem na amostra itens como *aquele(a), esta(e), esse(a)* etc.

Consideramos a hipótese de que o melhor contexto para a aplicação da regra de elisão é aquele que envolve uma seqüência de clíticos, como exemplificado em (1a), devido, primeiramente, à atonicidade de V1 e de V2 e, em segundo lugar, à grande quantidade na amostra de clíticos em primeira posição da seqüência. No entanto, os resultados, apresentados na Tabela 1 a seguir, indicam que a regra em questão prefere seqüências de *clíticos e palavra funcionais com acento*, conforme (1b), com peso relativo de 0,57. As seqüências formadas por *clítico e clítico* (1a) e *clítico e palavra lexical* (1c) apresentam-se praticamente idênticas no sentido favorecedor à regra, com pesos relativos respectivamente de 0,53 e 0,54.

⁵ São funcionais artigos, preposições, pronomes, conjunções, numerais e advérbios; são lexicais substantivos, adjetivos, verbos e advérbios de modo.

Tabela 1
Elisão de /e/ e Tipo de Sequência

Fator	N	Porcent.	P. R.
clítico + clítico	1.339	15%	0,53
clítico + palavra funcional com acento	798	19%	0,57
clítico + palavra lexical	2.179	16%	0,54
palavra funcional com acento + clítico	351	14%	0,51
palavra funcional com acento + palavra funcional com acento	388	13%	0,49
palavra funcional com acento + palavra lexical	1.015	13%	0,47
palavra lexical + clítico	380	8%	0,33
palavra lexical + palavra funcional com acento	330	8%	0,36
palavra lexical + palavra lexical	257	8%	0,33
TOTAL	7.037	14%	

Input 0,11

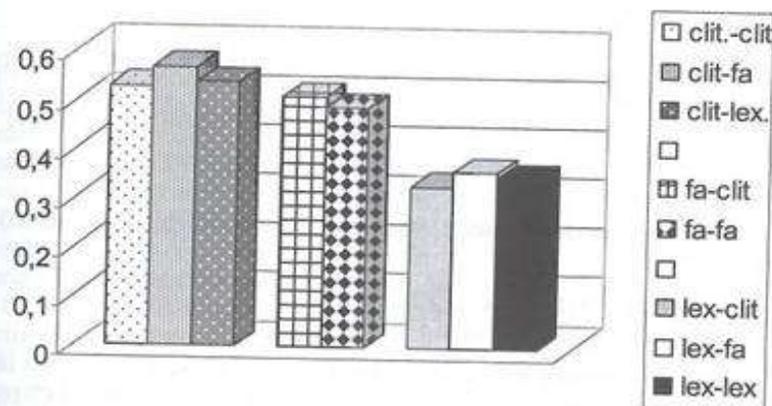
Significância 0,000

Ao redor do ponto de referência estão as seqüências formadas por *palavra funcional com acento + clítico* (1d), com peso relativo de 0,51, e *palavra funcional com acento + palavra funcional com acento* (1e), com peso relativo de 0,49. Um pouco abaixo, com peso de 0,47, estão as seqüências de *palavra funcional com acento + palavra lexical* (1f).

As seqüências iniciadas por palavra lexical apresentam-se pouco favorecedoras à aplicação da regra: *palavra lexical + palavra funcional com acento* (1h) com 0,36 e *palavra lexical seguida por clítico* (1g) ou por *palavra lexical* (1i) com 0,33.

Os resultados expressos na Tabela 1, melhor visualizados no Gráfico 2, parecem indicar que à regra de elisão da vogal /e/ importa muito mais o tipo de palavra que contém a vogal candidata à elisão do que propriamente a seqüência produzida no enunciado. Desse modo, três blocos podem ser identificados: o primeiro, com pesos relativos acima de 0,50, no qual a vogal /e/ candidata à elisão pertence a um clítico; o segundo, com pesos ao redor do ponto de referência, no qual a vogal /e/ pertence a uma palavra funcional com acento e o último, abaixo de 0,50, no qual a vogal /e/ pertence a uma palavra lexical.

Gráfico 2
Elisão de /e/ e Tipo de Sequência



Os resultados apresentados pelos fatores envolvendo clíticos na primeira posição conduzem-nos novamente a testar a hipótese da atonicidade como contexto preferido à aplicação da regra de elisão. O que estaria contribuindo para o alto peso relativo dos fatores *clítico + palavra funcional com acento* e *clítico + palavra lexical*? A fim de verificar se o acento da V2 nesses dados poderia exercer algum tipo de influência, realizou-se um cruzamento entre os fatores amalgamados dessa variável e os fatores da variável Acento da Vogal 2.

3.2 Acento da V2

A hipótese que norteia o cruzamento envolvendo a variável Acento da V2 e Tipo de Sequência é a de que a seqüência *clítico+palavra lexical* e a seqüência *clítico+palavra funcional com acento* apresentam maior favorecimento à elisão da vogal /e/ não só no contexto de V2 átona, mas também no contexto de V2 com acento primário. Espera-se que V2 com acento principal bloqueie o processo, conforme exposto na seção 2.

As ocorrências que constituem os fatores em discussão são:

(2a) clítico + clítico

Eu acho que ele está precisando de um neném lá, né? [F 20, 1229]

- (2b) clítico + palavra funcional com acento (V2 átona)
É o repórter de agora à noite, do que passa durante a noite.
[F 05, 0276]
- (2c) clítico + palavra funcional com acento (V2 com acento primário)
Respeitava como se ela fosse uma tia mais velha. [F 08, 0926]
- (2d) clítico + palavra funcional com acento (V2 com acento principal)
Você pensa de um jeito, os amigos pensam de outro [C 10, 1099]
- (2e) clítico + palavra lexical (V2 átona)
Você fica de antena ligada, né? [C 01, 1161]
- (2f) clítico + palavra lexical (V2 com acento primário)
Vai encher de água de novo, vai encher de água, né? [C 10, 0785]
- (2g) clítico + palavra lexical (V2 com acento principal)
Sopão pra esse pessoal, aí é como é que é? [C 13, 0881]

O resultado, apresentado na Tabela 2 a seguir, indica que a atonicidade da V2 só é relevante para a aplicação da regra de elisão quando está envolvida a seqüência de clíticos (2a), com peso relativo de 0,61. Para os outros dois fatores, envolvendo palavra funcional com acento (2b) e palavra lexical (2e), os pesos relativos obtidos são pouco expressivos, 0,15 e 0,13 respectivamente.

Tabela 2

Elisão da Vogal /e/: Seqüência envolvendo clítico na primeira posição e Acento da Vogal 2

	V2 átona			V2 com acento primário			V2 com acento principal		
	N	%	PR	N	%	PR	N	%	PR
clítico + clítico	1335	15	0,61						
clítico + palavra funcional com acento	393	2	0,15	396	36	0,83	09	11	0,40
clítico + palavra lexical	1055	2	0,13	1086	30	0,80	38	18	0,63

Input 0,08
Significância 0,001

O papel de destaque no condicionamento à regra é atribuído exclusivamente ao acento primário de V2, tanto em palavras funcionais (2c), com peso relativo de 0,83, quanto em palavras lexicais (2f), com peso relativo de 0,80.

Quanto ao acento principal de V2, nota-se o peso relativo indicativo de favorecimento quando recai na primeira vogal de uma palavra lexical (2g) (0,63), o que parece estar em desacordo com os resultados até então obtidos sobre o processo de elisão, os quais apontam para o bloqueio exercido por esse contexto. O mesmo pode-se afirmar para a seqüência clítico + palavra funcional com acento (2d), cujo valor de condicionamento, embora abaixo do ponto de referência (0,40), é ainda mais alto do que o obtido quando V2 é átona (0,15). Vale observar, no entanto, que a leitura e interpretação de tais resultados deve ser feita com ressalvas, já que são obtidos a partir de uma pequena quantidade de dados em comparação ao total da amostra considerada no estudo (9 casos de clítico + palavra funcional com acento e 38 casos de clítico + palavra lexical em um universo de 7 036 ocorrências).

Com o objetivo de relacionar os resultados obtidos até agora, passemos à discussão sobre o papel do Contexto Vocálico Seguinte.

3.3 Contexto Vocálico Seguinte

O favorecimento da vogal em contexto seguinte que compartilha traços com a vogal candidata à elisão, resultado obtido em Bisol (1996, 2000) para a supressão variável da vogal /a/, confirma-se nos resultados para o processo de elisão em questão, conforme a Tabela 3 a seguir. São fatores desta variável:

- (3a) vogal coronal
Que ela Dona Rosa, pode ir embora que ela não está aqui, não. [F 08, 0828]
- (3b) vogal labial
Teve o acidente com amante, vivia de casa posta com a amante. [F 03, 1000]
- (3c) vogal dorsal
Jogava a água dentro daquele alquidar e fazia aquele pirão d'água. [F 01, 1065]

A vogal coronal, na amostra representada apenas pela vogal /e/, surge de fato como o fator de maior favorecimento, com peso relativo de 0,90, distante, portanto, dos resultados para os outros dois fatores, vogais labiais e vogal dorsal, com pesos relativos abaixo do ponto de referência, 0,38 e 0,29 respectivamente.

Tabela 3
Elisão de /e/ e Contexto Vocálico Seguinte

Fator	N	Porcent.	P.R
Vogal coronal	1.809	34%	0,90
Vogais labiais	1.719	14%	0,38
Vogal dorsal	3.508	4%	0,29
TOTAL	7.035	14%	

Input 0,09
Significância 0,000

A análise até aqui desenvolvida conduz ao seguinte questionamento: o alto peso relativo da vogal coronal em contexto seguinte poderia esclarecer o resultado obtido, na Tabela 2, para as seqüências *clítico + palavra funcional com V2 acentuada* e *clítico + palavra lexical com V2 acentuada*? A Tabela 4 a seguir expõe os valores em peso relativo resultantes do cruzamento entre Contexto Vocálico Seguinte e Acento da Vogal 2.

Pode-se afirmar que a resposta à questão proposta no parágrafo anterior é afirmativa, ou seja, o peso relativo de maior favorecimento à regra de elisão, 0,84, envolve a vogal coronal acentuada. Os valores, também significativos, indicados para as coronais átonas (0,80) e para as coronais com acento principal (0,71) devem ser considerados relativamente, já que a quantidade de ocorrências em tais células é pequena (40 ocorrências e 25 ocorrências, respectivamente).

Tabela 4
Elisão de /e/: Contexto Vocálico Seguinte e Acento da V2

	V2 átona			V2 com acento primário			V2 com acento principal		
	N	%	PR	N	%	PR	N	%	PR
Vogal coronal	40	38	0,80	1744	34	0,84	25	24	0,71
Vogal labial	1343	16	0,63	349	6	0,34	27	4	0,18
Vogal dorsal	3086	4	0,28	374	4	0,27	48	4	0,26

Input 0,08
Significância 0,042

Vogais labiais têm seu peso relativo favorecedor quando átonas, com 0,63, mas perdem força quando acentuadas, seja o acento em questão primário (0,34) ou principal (0,18).

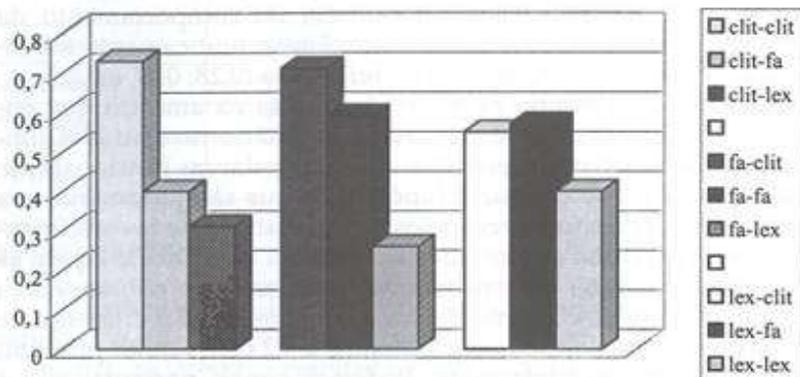
A presença do acento primário ou principal ou a ausência de acento parecem não exercer influência no comportamento da vogal dorsal: os pesos relativos mantêm-se praticamente inalterados, sempre abaixo do ponto de referência (0,28; 0,27 e 0,26).

A busca pelo tipo exato de ocorrência na amostra que envolve uma vogal coronal com acento primário revelou alta concentração das palavras lexicais *é, era* e das palavras funcionais *ela, esta, essa*, fato que conduz à hipótese de que são justamente tais ocorrências as responsáveis pelos pesos relativos de favorecimento à regra de elisão encontrados na Tabela 1 e na Tabela 2 para as seqüências *clíticos+ palavra funcional com acento* e *clítico+palavra lexical*. Nota-se no conjunto desses resultados que é a diferença de condicionamento entre a vogal átona e a V2 com acento primário a informação mais intrigante. Podemos supor, portanto, que a seqüência *clítico+palavra funcional* com V2 acentuada estaria espelhando exatamente o comportamento dos pronomes *ela, esta* e *essa*, e a seqüência *clítico+palavra lexical*, o comportamento dos verbos *é* e *era*.

A comprovação de tal hipótese vem dos resultados obtidos a partir da constituição de uma nova amostra em que tais ocorrências foram retiradas, conforme indica o Gráfico 3.

As seqüências que envolvem clíticos na primeira ou na segunda posição, primeira coluna em todos os grupos, apresentam-se mais favoráveis à regra de elisão de /e/ no Gráfico 3 se comparadas aos resultados expressos no Gráfico 2 (0,73 e 0,53; 0,71 e 0,51; 0,55 e 0,33). As palavras funcionais em segunda posição têm seu peso relativo consideravelmente diminuído no primeiro grupo, no qual combinam-se com clíticos na primeira posição (0,40 e 0,57). Quando, por outro lado, combinam-se com outra palavra funcional com acento (grupo central) ou com uma palavra lexical (terceiro grupo) têm seu peso relativo aumentado (0,59 e 0,49; 0,57 e 0,36).

Gráfico 3
Elisão de /e/ e Tipo de Sequência: amostra parcial



Sequências envolvendo palavras lexicais na segunda posição mantêm-se abaixo do ponto de referência também no Gráfico 3 (terceira coluna em cada um dos grupos), embora apresentem pequena elevação, em relação aos resultados expressos no Gráfico 2, quando combinam-se com palavras lexicais no terceiro grupo (0,40 e 0,33). Quando combinadas com clíticos ou palavras funcionais com acento na primeira posição, primeiro e segundo grupos, exibem uma queda de 0,20 (0,31 e 0,54; 0,26 e 0,47).

Apresentados os aspectos lingüísticos considerados mais relevantes para o processo em análise, passemos ao resultado apresentado pela variável extralingüística Região.

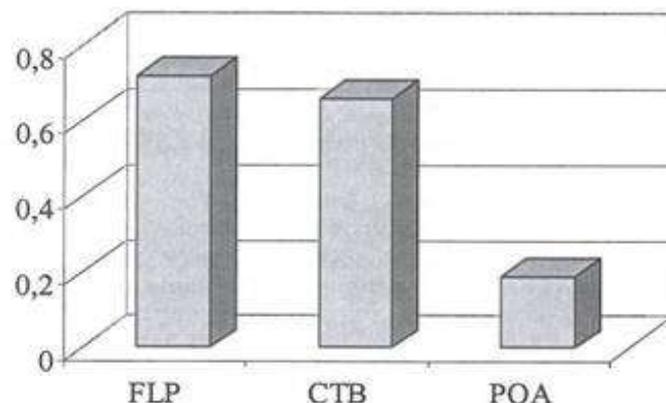
3.4 Região

O objetivo desta variável é descrever a aplicação da regra de elisão da vogal /e/ na fala das três capitais da região sul: Porto Alegre-RS, Florianópolis-SC e Curitiba-PR.

Os resultados, apresentados no Gráfico 4, indicam o favorecimento da regra de elisão da vogal /e/ em Florianópolis, com peso de 0,72, e em Curitiba, com peso de 0,66.

O menor índice de aplicação, 0,19, ocorre em Porto Alegre. Tal resultado parece referir-se ao fato de que é encontrada justamente na variedade gaúcha metropolitana a produção mais considerável de duas regras relacionadas no sistema da língua portuguesa: a elevação da átona final (cf. Vieira, 2002) e a palatalização das oclusivas alveolares (cf. Bisol e Hora, 1995).

Gráfico 4
Elisão de /e/: Região



Assim, no componente pós-lexical, onde o contexto para os processos de sândi externo é criado no momento em que as palavras combinam-se em sentenças, ambas as regras aplicam-se de modo livre. Se a regra de palatalização da oclusiva alveolar tiver prioridade, o resultado mais provável é a ditongação (com em *demorou bastan[tʃja] montagem*); se a regra da elisão aplicar-se, apaga-se a vogal [i], contexto para aplicação da regra de palatalização (com em *demorou bastan[ta] montagem*).

Sumariando, pode-se afirmar que o processo de elisão, característico do português europeu, apresenta baixa aplicação no português brasileiro quando se considera fronteira de palavra envolvendo a vogal média /e/. Sequências envolvendo clíticos na primeira posição constituem o contexto mais favorecedor à regra variável de elisão da vogal /e/ no português falado no sul do Brasil, assim como também o contexto vocálico seguinte [e] por compartilhar com a vogal candidata à elisão o traço de coronalidade. O acento primário da vogal que inicia a palavra em segunda posição não surge como bloqueador quando esta refere-se a itens lexicais como *é, era, ela*.

Quanto à variável social Região de Origem do Informante, os resultados indicam ser a regra em exame favorecida em Florianópolis-SC e Curitiba-PR. Porto Alegre surge como a menor produtora, o que parece estar relacionado com a alta produção de outra regra variável nessa localidade, a palatalização da oclusiva alveolar.

Referências

- ALBANO, E. C. *O gesto e suas bordas: esboço de fonologia acústico-articulatória do português brasileiro*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- BARBOSA, C. S. *A elisão da vogal média /e/ no sul do Brasil: uma regra variável*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- BISOL, L. Sândi externo: o processo e a variação. In: KATO, M. *Gramática do português falado V*. Campinas: UNICAMP, 1996.
- . A elisão, uma regra variável. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, EDIPUCRS, n. 35, mar. 2000.
- . A degeminação e a elisão no VARSUL. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre, EDPUCRS, 2002.
- BISOL, L. Sandhi in Brazilian Portuguese. *Probus*, n. 15, 2003.
- BISOL, L.; HORA, D. da. A palatalização da oclusiva dental e a Fonologia Lexical. *Estudos Lingüísticos e Literários*, n. 17, jul. 1995.
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The sound pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.
- COUTINHO, I. de L. *Pontos de gramática histórica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.
- CUNHA, C. F. da. *Estudos de Poética Trovadoresca – Versificação e Ecdótica*. Rio de Janeiro: MEC/Instituto Nacional do Livro, 1961.
- ITÔ, J. *Syllable structure in prosodic phonology*. Cambridge, Massachussets, 1986. Tese (Doctor of Philosophy) – Department of Linguistics, University of Massachussets.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Pattern*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- . *Principles of linguistic change*. Malden, Massachussets: Blackwell, 1994. (Volume I: Internal Factors).
- LIBERATO, Y. G. Alterações vocálicas em final de palavra e a regra de palatalização. In: LIBERATO, Y. G; PERINI, M. (orgs.). *Ensaio de Lingüística 1*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1978.
- MASSINI-CAGLIARI, G. As dimensões rítmicas da elisão em Português Arcaico. Rio de Janeiro: Associação Internacional de Lusitanistas – AIL, 2001. Disponível em: <http://www.geocities.com/ail_br/asdimensoesdaelisao.htm>.
- SILVA, D. J. The variable deletion of unstressed vowel in Faialense Portuguese. *Language Variation and Change*, 9, 1997.
- SOUSA DA SILVEIRA. *Fonética articulatória*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.
- VIEIRA, M. J. B. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre, EDPUCRS, 2002.